



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO JESUÍTICA
APRENDIZAGEM INTEGRAL, SUJEITO E CONTEMPORANEIDADE.

GLAUCIA VALERIA BEZERRA

IMAGENS, DISCURSOS VISUAIS E PEDAGOGIA INACIANA:

Contribuição à Formação Integral.

NOVA FRIBURGO

2019

GLAUCIA VALERIA BEZERRA

IMAGENS, DISCURSOS VISUAIS E PEDAGOGIA INACIANA:

Contribuição à Formação Integral.

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Pós Graduação, pelo Curso de Especialização em Educação Jesuítica Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade. Da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientador(a): Dr. José Teixeira Neto (Zelão)

NOVA FRIBURGO

2019

Gabriel. Meu filho.

Que luz é essa que irradia em minha vida?

Espírito capaz de imensa bondade.

Resplandece clareando meu coração,

E me ilumina com sua companhia.

Essa alma que me presenteia todos os dias.

Com sua consciência e humildade.

Abraça-me com carinho me mostrando a verdade.

Desse sentimento tão infinito,

Dessa energia tão rara.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me fez capaz de perseverar, levantar forte a cada tropeço e chegar aqui.

A meu filho pela imensa colaboração e paciência nessa empreitada.

Ao professor e orientador José Teixeira Neto - Zelão, por acompanhar os meus passos nessa estrada.

A Angélica C. Engel, pelas palavras de estímulo e incentivo me auxiliando a desviar dos obstáculos.

As amigas Marcelly, Livia e Cláudia, companheiras atuantes nessa jornada.

Aos professores que direcionaram os caminhos.

RESUMO

Neste artigo propõe-se apresentar a importância da imagem e da criação imagética, a partir de uma urgente alfabetização visual no aluno que se deseja formar integralmente nas instituições educativas da Rede Jesuíta de Educação. Com uma abordagem qualitativa, a pesquisa tem característica exploratória flexível elaborada com coleta bibliográfica. Para tanto, o trabalho objetiva estimular a prática do uso das cinco dimensões da Pedagogia Inaciana, contextualização, experiência, reflexão, ação e avaliação, dialogando com imagens, em seus discursos visuais, ao conjugar com metodologias e sistemas epistemológicos na área de arte. Fruindo obras de arte e artefatos da cultura visual, o aluno produz e constrói repertório imagético, para auxiliar no seu desenvolvimento cognitivo e socioemocional, com atitudes autônomas, críticas e reflexivas sobre si e o mundo que habita. Dessa forma, as imagens que fluem no cotidiano social adentram os universos culturais e se estabelecem na educação. Portanto, o envolvimento do professor provocador, mediador na tessitura dos saberes e na construção do conhecimento artístico, cultural e estético contextualizado é estimulado para que se estabeleça nas Instituições Jesuíticas a atualização e inovação de suas propostas para a educação/ formação integral.

Palavras-chaves: Imagem. Criação Imagética. Cultura Visual. Pedagogia Inaciana. Formação Integral.

ABSTRACT

This article aims to display the importance of the image and of the imagistic creation, from an urgent the student's visual literacy that is integrally formed at the educational institutions of the Jesuit Network. With a qualitative approach, the exploratory and flexible research was made accordingly with bibliographic references. Therefore, the paper aims to stimulate the practice of the five dimensions of the Ignatian Pedagogy: contextualization, experience, reflection, action, and assessment, dialoguing with images in their visual discourses, matching methodologies and epistemological systems in the art field. Enjoying masterpieces and artifacts of the visual culture, the student produces and builds the imagistic repertoire to help his socioemotional cognitive development, with general autonomous critical and reflexive thinking. Thus, the images that flow in the social routine intersect the cultural universes and are established in the educational field. Therefore the involvement of the provocative teacher, mediator of the various contents of knowledge and the building of artistic, cultural and contextualized aesthetic information is stimulated to insert in the Jesuit Institutions the updating and the innovation of his proposals for integral education and formation.

Key-words: Image. Imagetic Creation. Visual Culture. Ignatian Pedagogy. Integral Formation. Visual Culture.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 AS IMAGENS E OS JOVENS CONTEMPORÂNEOS.....	10
3 AS DIMENSÕES DO PARADIGMA PEDAGÓGICO INACIANO E A RELAÇÃO COM ABORDAGENS TEÓRICAS PRÁTICAS NO ENSINO DA ARTE.....	14
4 A TESSITURA QUE SENSIBILIZA O OLHAR PARA ARTICULAR ARTE E O PARADIGMA DA PEDAGOGIA INACIANA.....	21
4.1 Os Estudos Culturais.....	21
4.2 A Cultura Visual.....	22
4.3 A Leitura de Imagens, e a Criação Imagética.....	24
4.4 As Competências Socioemocionais.....	25
4.5 A Prática do Professor de Arte na Rede Jesuíta de Educação Contemporânea.....	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	30

1 INTRODUÇÃO

A realidade contemporânea disponível em que vivemos está saturada por dispositivos visuais, ou seja, o mundo cada vez mais percebido por meio de imagens, afirma Rossi (2009, p. 9), "hoje vivemos na chamada 'civilização da imagem'".

Ao compor o cenário da educação na atualidade, visualiza-se a crescente necessidade de rever as estratégias, para que o aluno possa assumir o papel como protagonista responsável e atuante por seu desenvolvimento e provocador de mudanças na realidade, como sugere o Projeto Educativo Comum (PEC, 2016, p. 38), "[...] repensar muitas das atuais práticas pedagógicas, de modo a rever espaços, recursos e metodologias [...]"

Para isso, propõe-se traçar uma perspectiva positiva, facilitadora do uso de imagens em várias linguagens artísticas, vinculadas à cultura visual, que interajam com as dimensões da Pedagogia Inaciana (PPI).

Nessa propositiva de reinventar e inovar em criações imagéticas, nas práticas pedagógicas na área de arte, desenvolver ações que estimulem as leituras de imagens contribui com as várias formas de aprendizagens. Por isso, manifesta-se a urgência em abranger as dimensões socioemocional e cognitiva. Segundo o PEC:

[...] promovam a atualização ou a transformação de seus currículos, para que expressem a identidade inaciana, sejam significativos e flexíveis e contemplem as diferentes dimensões da formação da pessoa. (PEC, 2016, p.42).

Além disso, ao desenvolver as dimensões afetivas, criativas e imagéticas considera-se a concepção de mundo, a nova realidade, a cultura, a sociedade e a pessoa integral que se quer formar na Rede Jesuíta de Educação, competentes, conscientes, compassivos e comprometidos, justificada em JESUS:

A Educação jesuíta dá uma atenção particular ao desenvolvimento da imaginação, da afetividade e da criatividade de cada estudante em todas as matérias de estudo. Estas dimensões enriquecem a aprendizagem e impedem que ela se torne meramente intelectual. São essenciais para a formação integral da pessoa e são um modo de descobrir que Deus se revela através da beleza. (JESUS S. C. 1989, p.25).

Dessa forma, as aprendizagens, tanto para alunos quanto para professores não acontecem somente no ambiente escolar, pois todas as instituições sociais educam, e de acordo com Barbosa (1998, p.138), "[...] a maior parte de nossa aprendizagem informal se dá

através da imagem e parte desta aprendizagem informal é inconsciente". São aquisições adquiridas através das relações com os artefatos culturais. Portanto, estabelecer relação entre as diferentes oportunidades de vivências, na busca por uma formação da pessoa toda, e as práticas e experiências da leitura visual e criação imagética, são processos importantes para construção de experiências significativas pessoais e coletivas.

Nesse contexto, a questão é: de que forma as ações educativas do olhar para a sensibilidade, a apreciação estética, crítica e reflexiva na área de arte, podem contribuir e inovar, em suas metodologias pedagógicas e diretrizes curriculares, nos colégios da Rede Jesuíta, na sociedade atual?

Então, o objetivo geral da pesquisa é estimular a prática do uso das dimensões da Pedagogia Inaciana, dialogando e interagindo com as metodologias e diretrizes curriculares da área de arte. Isso é feito para contribuir e facilitar a produção e criação imagéticas, a partir da fruição de obras artísticas, em várias linguagens, e da cultura visual. Desta forma auxiliando no desenvolvimento cognitivo e socioemocional para a formação do ser humano em sua integralidade nos Colégios da Rede Jesuíta de Educação contemporânea.

Para tanto, foram traçados os seguintes objetivos específicos: compreender o significado da imagem, no cotidiano do aluno contemporâneo; associar as dimensões da Pedagogia Inaciana com outras concepções e abordagens históricas de leitura de imagem e cultura visual. Dessa forma, integrar tradição e inovação em educação na Rede Jesuíta e aplicar a criação imagética como resultado da fruição de obras de arte em várias linguagens e nos objetos de análise da cultura visual. Sendo assim, tecer relações entre o cotidiano e as competências socioemocionais e cognitivas para que as aprendizagens se tornem significativas.

Na primeira etapa do caminho, as reflexões conduzem a mediações a respeito das imagens que solavancam a sociedade contemporânea. Pondera-se também, acerca do movimento influenciador e manipulador, sob os jovens. Frente a isso, registra-se a veloz importância de se alfabetizar visualmente com o intuito de mobiliza-los para interpretar as variantes imagens do seu universo interno e externo, atribuindo significados, construindo sentidos.

Para isso, essa estrada formadora, deve indicar a direção provocativa, transformadora do currículo, visto na segunda etapa desse caminho, como processo em

construção para inovar e atualizar a Pedagogia Inaciana, que se inspira e apoia nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola. As dimensões Contextualização, Experiência, Reflexão, Ação e Avaliação são aproximações que se ligam as teorias, metodologias e sistemas epistemológicos da área de arte, para a construção dos discursos visuais na prática do olhar, bem como, nas reformulações da Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Nesta etapa, se deseja mirar as interações entre as abordagens, ao confluírem para a formação plena, integral do aluno.

Chega-se ao destino na terceira etapa, em que as relações entre as ciências que entretencem os aspectos da cultura, seus estudos, pedagogias e as dimensões socioemocionais conjugam com a encruzilhada de imagens no nosso tempo, dentro do contexto da Pedagogia Inaciana. A leitura das imagens, a criação imagética, a construção das subjetividades copilotando com as práticas dos professores e a formação integral que se deseja na Rede Jesuíta de educação, justificam a viagem.

Parte-se da hipótese de que as transformações ocorridas na atualidade tecnológica, digital, modificaram valores, comportamentos e pensamentos acarretando na necessidade de inovação nas estratégias de ensino e em consequência no ensino da arte, porém sem a perda da identidade e dos princípios da educação Inaciana. "Uma vez que os desafios do contexto atual são grandes, maiores ainda deverão ser nossa coragem e esperança." PEC (2016, p. 29).

Assim sendo, o estudo se configura numa abordagem qualitativa, em pesquisa exploratória flexível, elaborada com procedimentos bibliográficos a partir de análise de argumentos, já existentes por alguns teóricos que dissertaram sobre o tema, como por exemplo: Luiz Fernando Klein, Ana Mae Barbosa, Fernando Hernández, entre outros, e registro em fontes documentais organizadas pelo Secretariado da Companhia de Jesus para a base educativa da Rede Jesuíta de educação.

2 AS IMAGENS E OS JOVENS CONTEMPORÂNEOS.

O jovem contemporâneo tem uma relação próxima com as imagens que o cercam, que consomem, projetam e praticam. Sua convivência cotidiana cria oportunidades diversificadas de leitura em velocidade e movimento constantes, não fixas, para muitas direções, geradoras de uma multiplicidade de interpretações, acumulando uma enorme quantidade de experiências pela dinâmica de apreensões das informações que cada elemento visual carrega.

Nessa complexa urdidura, esses jovens precisam de ferramentas para capacitá-los a decodificar e avaliar a qualidade do que vivenciam e apreendem significativamente, auxiliando-os na compreensão, reflexão, análise desse universo de imagens. Estas imagens se tornam elementos que ativam seus saberes, proporcionam experiências criativas, desenvolvem a percepção/fruição significativa, a consciência crítica, ética e responsável, possibilitando a eles, efetivamente, a discernir sobre suas escolhas.

Neste contexto, se apresentam como tribais, que não se prendem ou se fixam, vagueiam sem rumo, são nômades, nos espaços da tecnologia da informação e comunicação (TICs), quando percorrem esses ambientes repletos de estímulos, sem necessariamente ter noção das escolhas, que nem sempre são suas escolhas. Segundo o sociólogo Zygmunt Bauman:

O que separa a atual agonia da escolha dos desconfortos que sempre atormentaram o 'homo eligens', o "homem que escolhe", é a descoberta ou a suspeita de que não existem regras preordenadas e objetivos universalmente aprovados que possam ser seguidos para absolver aqueles que escolhem das consequências adversas de suas escolhas. (BAUMAN, apud: SILVA, 2016, p. 457,458).

Consequentemente, o envolvimento crescente de influências exercidas por essas teias de oportunidades trazidas pelo progresso na globalização midiática modifica relações, padrões, conceitos, comportamentos e valores. No processo de construção de mundo, na busca por identidade, que, de acordo com Hernández (2007, p. 72), “[...] tem a ver com a caracterização dos indivíduos mediada pela linguagem e determinadas práticas sociais.” Sendo essa noção de identidade, adquirida culturalmente.

Logo, a necessidade de estar inserido nos ambientes digitais e mídias eletrônicas, para uso instrumental, recreativo e social, é uma realidade inegável, é fazer parte de uma comunidade é ter domínio sobre rede ligada a múltiplas culturas também dominantes, segundo

Bauman, (2001, p. 22), “Qualquer rede densa de laços sociais, e em particular uma que esteja territorialmente enraizada é um obstáculo a ser eliminado”

Então, para interagir, o jovem, tem que se fazer/estar presente, para comunicar, informar, utilizando não só a linguagem escrita e falada, mas também as linguagens visuais, que vão sendo postadas, consumidas, compartilhadas, curtidas, ou não, ao produzirem e reproduzirem, como forma de expressão, aspectos e eventos de sua realidade multicultural, bem como registros da sociedade. Estabelecendo relação com a história da humanidade, descrita por Martins:

Desde a época em que habitava as cavernas, o ser humano vem manipulando cores, formas, gestos, espaços, sons, silêncios, superfícies, movimentos, luzes, etc., com a intenção de dar sentido a algo, de comunicar-se com os outros. (MARTINS; et.al.1998, p.14).

E hoje, em suas “cavernas virtuais”, em que se passa muito tempo em frente a algum tipo de tela, absorvidos pelas mídias, observa-se a crescente atuação da imagem sobre os indivíduos. Essas imagens como influenciadoras de modelos, atitudes, pensamentos, etc., a experiência humana, nos dias atuais, se tornaram uma constante, estando mais visual e visualizada. Mirzoeff (2003, p. 4). Sem que esses indivíduos estejam devidamente preparados para avaliar o conteúdo ou refletir criticamente sobre o que é transmitido. Por isso, Rossi (2009, p. 9) defende que: “A leitura dessas imagens é um meio para a conscientização de que somos os destinatários de mensagens que pretendem impor valores, ideias e comportamentos que não escolhemos.”

Espera-se que a grande variedade de imagens veiculadas no cotidiano devam ser geradoras, produtoras e reprodutoras de conhecimento, ampliando a perspectiva de formação do jovem consciente e crítico de sua própria cultura. Isto o faz conviver de forma mais positiva e participativa, dentro da diversidade social e cultural em que ele vive, transformando sua realidade. Ana Mae Barbosa diz:

[...] estamos rodeados por imagens veiculadas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. [...] (BARBOSA, 2002, p.1)

Ao estabelecer relação com a mensagem visual, a partir dos elementos que a compõem e a compreensão desses elementos. O poder da imagem em nossas vivências e

percepções acontece, pois não identificamos a gramática visual nem exercitamos o pensamento visual. Barbosa (1998, p. 138). O receptor é capaz de organizar e interpretar o teor de uma imagem atribuindo-lhe significados. Elas carregam informações e intensões, produzem indagações e questionamentos, refletem ideias e conceitos, criam sentido para aquilo que se contempla, constrói conhecimento de si e do mundo.

Então, a alfabetização visual, que alonga o ver, sensibilizando o olhar, e ampliando a percepção à sua extensão e limite, também motiva a reflexão crítica e ativa na interação com o mundo visual. A inabilidade ou mesmo incapacidade de absorver o conteúdo implícito de uma imagem, acarreta em dificuldade de compreensão do conteúdo, facilitando a manipulação interpretativa. Como afirma Hernández:

[...] adquirir um alfabetismo visual crítico que permita aos aprendizes analisar, interpretar, avaliar e criar a partir da relação entre os saberes que circulam pelos textos orais, auditivos, visuais, escritos, corporais e, especialmente, pelos vinculados às imagens que saturam as representações tecnologizadas nas sociedades contemporâneas. (HERNÁNDEZ, 2007, p. 24)

Tendo em vista a urgência de se sistematizar a alfabetização visual para que se estabeleça uma relação mais significativa com as imagens fluidas, velozes e fragmentadas que abarcam navegantes em nosso meio. Permitir apenas o momento do ver e não o tempo do olhar, como reflete Tiburi (2012), “Por isso, nossa cultura hipervisual dirige-se ao avanço das tecnologias do ver, mas não do olhar.” Impede que o contemplar seja profundo e analítico sobre o que se vislumbra.

Nesse sentido, deve-se considerar importante o processo educacional que articule o conhecimento, formal e informal, de acumulação de imagens absorvidas pelos jovens na realidade cotidiana das linguagens audiovisuais. As metodologias devem fornecer subsídios para a formação de cognição com a leitura crítica dessas imagens, proporcionando uma aprendizagem com sentido e forma, significativa, consciente, capaz de causar mudanças internas para transformações externas.

Como diz Ana Mae Barbosa:

[...] a leitura de imagens na escola prepararia os alunos para a compreensão da gramática visual de qualquer imagem, artística ou não, na aula de artes, ou no cotidiano, e que torná-los conscientes “da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-los para compreender e avaliar todo tipo de imagem,

conscientizando-os do que estão aprendendo com estas imagens. (BARBOSA 1995, p. 14 apud: ROSSI, 2009, p. 10).

Dentro desta perspectiva, a escola é o ambiente legítimo para a transmissão da cultura e um receptáculo de imagens em diversas concepções, vindas das experiências pessoais e culturais trazidas pelos alunos. Por isso a necessidade de incentivar e aguçar a observação, a reflexão o olhar pensante, que seja inquieto e questionador e, nesse contexto a Arte é capaz de dialogar, trocar, prover o saber cognitivo e estético. Segundo Rossi (2009, p. 10), “Ora, a alfabetização envolve mais do que a palavra. E a disciplina arte pode ser o espaço para a ampliação do conceito de alfabetização que se faz necessária na educação contemporânea.”

A realidade social e cultural contemporânea, com suas características profusas e inconstâncias profundas nas relações humanas que constroem baseadas nas experiências vividas, no ambiente formal ou informal da construção do conhecimento, dialogam com as concepções educativas. Sendo assim, as instituições de educação jesuíta, no seu compromisso com a formação, que se deseja responsável, crítica, reflexiva, para hoje, amanhã e para o futuro das gerações, também analisa e reconhece a necessidade de pensar estratégias pedagógicas para auxiliar e preparar o aluno em suas mediações cotidianas e em suas leituras de mundo, ao extrojetá-lo na realidade, afirmando:

Por isso, precisamos de uma pedagogia que alerte os jovens sobre as complexas redes de valores que, não raro, se disfarçam tão sutilmente na vida moderna – através da publicidade, da música, da propaganda política, etc. –, de tal modo que os alunos possam examiná-las e julgá-las e comprometer-se livremente com elas, baseados numa autêntica compreensão. (JESUS, S.C., 1993, p. 73).

Portanto, a Arte na escola, como área de conhecimento e como objeto desse conhecimento, a imagem. Exerce importante papel na democratização desta cognição, com o objetivo de conectar todas as dimensões humanas, construindo uma aprendizagem integral com o desenvolvimento cognitivo, afetivo, espiritual, social, artístico e estético. Através de caminhos não habituais, estimular novas soluções, alternativas e ideias, ou seja, possibilitar a permanente percepção e interpretação crítica e consciente da realidade em que vive e atua para a criação de um repertório imagético significativo que possa transformar a si mesmo e ao mundo.

3 AS DIMENSÕES DO PARADIGMA PEDAGÓGICO INACIANO E A RELAÇÃO COM ABORDAGENS TEÓRICAS PRÁTICAS NO ENSINO DA ARTE.

O Paradigma Inaciano tem sua razão motivadora nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, ou seja, um método, um processo que da direção e objetivo as propostas educacionais da Rede Jesuíta de Educação.

Justifica Luiz Fernando Klein:

[...] os Exercícios Espirituais como a fonte onde o agente da Pedagogia Inaciana pode captar, vivencialmente, os requisitos fundamentais para aplicar o novo paradigma pedagógico: a experiência de um método de um processo, a consciência de papéis e relações, uma visão integradora.(KLEIN, 1999, p.1).

Sendo assim, nos Exercícios Espirituais, a pessoa humana é o foco. Ela é convidada a responder ao amor de Deus, em um exercício que direciona o caminho de relação pessoal com Deus. A busca pela realização da vontade divina, como conversão, o respeito à liberdade, ao discernir o que motiva internamente para aceitação de si mesmo, trazendo ordem à própria vida. Assim sendo, o exercício, conduz o serviço aos outros, na realidade do mundo, rumo à verdadeira felicidade. Afirma Klein (1999, p.1), “[...] os Exercícios são um itinerário para ajudar a pessoa a identificar e remover todos os impedimentos ao seu desenvolvimento integral, de modo a ouvir os apelos de Deus e a comprometer a sua vida no seu segmento.”

Os Exercícios Espirituais movem o indivíduo a participar e se engajar, Gama (2010, p.8), no partilhamento das imagens mentais que realizam a partir da busca dos Textos Sagrados. Desta forma, a importância dentro da proposta dos Exercícios Espirituais em aplicar a imagem e o repertório imagético para que as experiências e vivências, do praticante, sejam provocativas de movimento interno ao se tornarem significativas, “refletindo em todas as suas dimensões”. (Beltrão, 2017, p.31).

A então Pedagogia Inaciana é a proposta didática prática inspirada nos escritos, na visão e exemplos de vida de Inácio de Loyola, expondo mais claramente o princípio que a sustenta. É inovadora ao se distinguir das pedagogias tradicionais, quando pretende oferecer um método personalizado a partir de uma visão humanista, em que o aluno seja participativo e responsável pelo seu processo educativo, construção do seu conhecimento significativo de forma crítica, ampliando suas habilidades e desenvolvendo seus talentos para que suas ações reflitam o crescimento da pessoa toda, plena. Como diz Klein:

A Pedagogia Inaciana caracteriza-se por ser um enfoque e um acervo, que oferecem uma orientação típica para o processo educativo que pretenda fazer valer a dignidade e o potencial da pessoa e o seu protagonismo transformador da realidade, a partir dos excluídos. (KLEIN, 2014, p.8).

Com a finalidade de formar o aluno em sua integralidade, ao seguir o modelo de Jesus Cristo e para ter participação ativa, humanitária, e atuar com dignidade, fé e justiça na sociedade em que situe como líder para transformá-la, e a si, alterando seu modo de ver, sentir e agir, com o propósito de servir o outro, afirmado em Jesus S.C. (1993, p. 92), “É o que pretendemos dizer ao falar que o fim da educação dos jesuítas é a formação de homens e mulheres para os outros, pessoas competentes, conscientizadas e sensibilizadas para o compromisso.”

Para isso, a Pedagogia Inaciana propõe que o aluno em seu crescimento, seja ativo, responsável, autônomo, equilibrado, que saiba discernir sobre o que o move na ação de construir seus saberes, atitudes, valores, aprendendo a aprender, como se entende em Jesus S.C. (1989, p. 34), “Aprender é importante, mas muito mais importante é aprender a aprender e desejar continuar aprendendo, durante toda a vida”. Para que a transformação de si motive a reflexão e compreensão do mundo.

Dessa forma, o Paradigma da Pedagogia Inaciana (PPI) segue as cinco dimensões Contextualização, Experiência, Reflexão, Ação e Avaliação, para dar um contorno a ação educativa, que envolve o aluno à consciência de sua realidade. Com uma relação de forma direta com seu objeto de conhecimento, ao se questionarem sobre a importância e o significado do mesmo, dignamente e eticamente, para seu crescimento e aprendizado interno e externo, como meio de se chegar a um resultado, em que o caminho e as ferramentas para construção do saber sejam o objetivo maior.

Assim, as dimensões que se apresentam de forma integrada não são isoladas. Interagem entre si, dinamicamente, como uma bússola, orientam e atuam continuamente na direção do ensinar e aprender. “Estas dimensões são como um ‘mapa’ [...]” Ramal (et.al. 2002, p.141).

Nesse contexto, pode-se perceber a importância de uma educação personalizada, considerando a realidade e vivência trazida pelo aluno. Acessar a conexão com elas ao conhecer esse aluno com atenção, confiança e respeito, motiva sua predisposição de aprender. Afinal, a aprendizagem se tornará favorável quando conduzida adequadamente, aludido em

Jesus S.C. (1993, p.43), “[...] a atenção pessoal e a preocupação pelo aluno, que é um distintivo da educação jesuíta, requer do professor que conheça quanto for possível e conveniente, a vida do aluno.”

Para que esse contexto seja absorvido, o aluno tem que estar conectado às suas experiências, ciente de que necessita destas, para que a causa do conhecimento seja significativa. Nessa dimensão os aspectos do sentido, da percepção de si e as relações com a realidade são integrados, para que sentir e saborear as coisas interajam com a memória, a intuição, a imaginação e a emoção, transpondo os saberes puramente intelectuais, estimulando o ato de agir, aponta em Jesus S.C. (1993, p.49), “As dimensões afetivas do ser humano devem ficar tão implicadas quanto as cognitivas, pois, se o sentimento interno não se alia ao conhecimento intelectual, a aprendizagem não moverá à ação.”

Nessa dinâmica, as oportunidades experimentadas se tornam pertencimentos, pois trazem consigo a reflexão e validam o que se sente, o que se pensa, o que se sabe, somando-se às ideias que florescem, causando no aluno o desejo de articular os saberes que aprendidos e seu significado. Entender, julgar, discernir e decidir o sentido que isso tem para sua vida, e a partir daí desenvolver a ação, descrito em Jesus S.C.:

Esta REFLEXÃO é um processo formativo e libertador. Forma a consciência dos alunos (suas crenças, valores, atitudes e, até mesmo, sua forma de pensar), de tal sorte que desafia a ir além do puro conhecimento e passarem à ação. (JESUS S.C., 1993, p.55).

E segue considerando que a reflexão se inicia na experiência e termina trabalhando sobre ela: “A reflexão inaciana começa precisamente com a realidade da experiência e termina necessariamente nesta mesma realidade, para atuar sobre ela. A reflexão só faz crescer e amadurecer, quando resulta em decisão e compromisso”. (idem, 1993, p.60).

A ação sugere posturas, posicionamentos e atitudes autônomas sobre escolhas realizadas no caminho responsável da construção do seu conhecimento e aqui se coloca em prática, se aplica e utiliza os saberes conquistados. Lê-se em Jesus S.C. (1993, p.60 e 61), “A palavra ação refere-se aqui ao crescimento humano interior baseado na experiência na qual se refletiu, bem como à sua manifestação externa.”

No ponto da avaliação, importa o processo de desenvolvimento e descobertas interiores e exteriores por parte de todos os envolvidos nesse caminho de crescimento,

progresso e amadurecimento pessoal e coletivo ao ampliar e reconhecer suas capacidades, talentos e conhecimentos. Segundo Jesus S.C. (1993, p.63), “Por isso, é essencial a avaliação periódica do seu progresso nas atitudes, prioridades, modo de proceder de acordo com o objetivo de ser ‘pessoas para os outros.’ ”

Ao se considerar esses pontos na proposta pedagógica, observa-se que Rede Jesuíta de Educação está sempre interessada em responder as expectativas do mundo no tempo em que se organiza. Redesenhar as ações, reforçando sua tradição, para caminhar ao lado das necessidades, curiosidades, ansiedades dos alunos, lê-se no PEC (2016, p. 14), “É próprio da Companhia de Jesus responder aos desafios de cada tempo de forma crítica, consciente e efetiva, empreendendo caminhos com coragem para inovar e renovar.” O processo de atualização e reinvenção contínua na pedagogia inaciana acompanha o metamorfismo do mundo atual, porém, sem deixar na retaguarda princípios como o resgate à educação personalizada.

Percebe-se então, analogias entre a Pedagogia Inaciana e as diretrizes formuladas, reorganizadas para atender as demandas e expectativas voltadas para a educação atual. A preocupação com alguns resgates ou reafirmações em valores, ética, responsabilidades sociais e ambientais. O que se objetiva e espera da formação do aluno nas instituições educativas Jesuítas, são verificadas então na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como por exemplo, o compromisso com a formação integral do aluno:

Nesse contexto, a BNCC afirma, de maneira explícita, o seu compromisso com a educação integral. Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. (BRASIL, 2017, p. 16).

Essa reformulação, constata a urgente necessidade de se repensar a realidade e a educação que atenda as mudanças e expectativas da sociedade contemporânea. Nessa perspectiva, a BNCC ao potencializar a formação integral do aluno, dialoga com o centro da proposta educativa dos colégios da Rede Jesuíta, cuja direção esta voltada para o desenvolvimento da pessoa toda, afirmada no PEC:

Formação da pessoa toda e para toda a vida; trabalhamos para realizar uma aprendizagem integral que leve o aluno a participar e intervir autonomamente na

sociedade: uma educação capaz de formar homens e mulheres conscientes, competentes, compassivos e comprometidos. (PEC, 2016, p. 37).

E reforça esse ideal, pensando também as dimensões que configuram o socioemocional, quando afirma:

Nas Escolas da Companhia de Jesus, toda ação educativa converge para a formação da pessoa, enfatizando a necessidade de reconhecer as potencialidades do indivíduo e garantindo o desenvolvimento das dimensões afetivas, espiritual, ética, estética, cognitiva, comunicativa, corporal e sociopolítica. (PEC, 2016, p. 48,49).

A arte na educação também tem acompanhado todo o processo de evolução e reorganização das diretrizes propostas à educação, para atender as necessidades e expectativas das gerações sociais na qual interage. A intenção é registrar elementos de relação com a proposta pedagógica inaciana, percebendo a importância dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola na formação da pessoa toda, para o mundo. A mesma abarca o melhor dos conceitos nas muitas fundamentações que surgem para gerar mudanças e melhorias na prática educativa como proposta para um trabalho consciente dentro da Rede Jesuíta, valorizar a presença da criação e da criatividade como elemento a serem ressaltados e estimulado nas dimensões do ser humano, sendo essenciais para a formação integral da pessoa, descritas em Jesus S.C. (1998, p.25), “A educação jesuíta dá uma atenção particular ao desenvolvimento da imaginação, da afetividade e da criatividade [...]”

Sendo assim, a Arte tem o seu papel nessa proposição, visto que ela está ligada aos fatos históricos, as mudanças e questionamentos sociais, inerentes a cultura, refletindo as visões e construções humanas, a partir de suas relações com o mundo e consigo. Nesse mundo, a arte está criativamente utilizando diferentes fusões de ideias, emoções e produções em suas diversas linguagens, como escrevem Ferraz e Fusari (1999, p. 16), “O fundamental, portanto, é entender que a arte se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se conhecerem e ao conhecê-lo.”

Para tanto, se faz uma breve referência ao percurso do ensino da arte na história da educação brasileira, o desenvolvimento e avanço das metodologias aplicadas. Desde a visão da formação para o trabalho nas Artes Mecânicas (povo, formação de artesões) e Belas Artes (elite, formação de artistas) implementadas pela Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro (1816), e da Pedagogia Tradicional, na qual, o professor difunde a informação, o

conteúdo é verdade absoluta, descrita em Ferraz e Fuzari (1999, p.30), “[...] o desenho de ornatos, a cópia e o desenho geométrico visavam à preparação do estudante para a vida profissional [...]”

Já no séc. XX, com influências europeias e americanas, firma-se a tendência da Pedagogia Nova, rompendo com as práticas copistas, centrada no aluno, pensando uma sociedade mais justa e igualitária, diferentemente do reforço as divisões em classes, como anteriormente. Porém, o valor ao comportamento criativo e ao uso dessa criatividade, nas abordagens de livre expressão, na qual o puro fazer não se conectava a construção dos saberes, afirma Ferraz e Fuzari (1999, p.32), “[...] o aluno como ser criativo, a quem se devia oferecer todas as condições possíveis de expressão artística, supondo-se que assim, ao “aprender fazendo”, saberiam fazê-lo, também, cooperativamente na sociedade.”

Na segunda metade do séc. XX, a Pedagogia Tecnicista se apresenta para condicionar as aprendizagens ao uso de livros didáticos, limitando as aulas de arte a um construir e exprimir, com a importância voltada para o uso de materiais diversificados, sem a apresentação de fundamentos teóricos. Nesse momento a Educação Artística através da Lei de Diretrizes e Bases 5692/71, se torna obrigatória, voltada para o tecnicismo e as habilidades.

Segundo Ferraz e Fuzari:

Nas aulas de arte, os professores enfatizam um “saber construir” reduzido aos seus aspectos técnicos e ao uso de materiais diversificados (sucatas, por exemplo), e um “saber exprimir-se” espontaneístico, na maioria dos casos caracterizando poucos compromissos com o conhecimento de linguagens artísticas. (FERRAZ, FUZARI, 1999, p. 32).

A partir de 1961, Paulo Freire propõe dentro das concepções educacionais, a Pedagogia Libertadora produzindo mudanças, influenciando questionamentos e reflexões em todas as áreas, inclusive na arte com uma visão mais realista e crítica.

Do mesmo modo, buscam-se práticas que incentivem a atividade e disposição dos alunos, favorecendo os diálogos e voltada para os mesmos em seus ritmos, realidades, desenvolvimento psicológico e a organização do conhecimento, constrói a base da Pedagogia Histórico-crítica, como escreve Ferraz e Fusari (1999, p. 34), “Essa pedagogia escolar procura propiciar a todos os estudantes o acesso e contato com os conhecimentos culturais básicos e necessários para uma prática social viva e transformadora.”

Nesse contexto surge a preocupação com a revisão do ensino da arte e consequentemente a necessidade de proporcionar o acesso dos conhecimentos estéticos e artísticos à população, uma bandeira hasteada por Ana Mae Barbosa, que considera “[...] a recuperação histórica do ensino de arte para que se possam perceber as ‘realidades pessoais e sociais, aqui e agora, e lidar criticamente com elas’.” (apud, Ferraz, Fusari 1999, p. 35).

Portanto, essa é a concepção que atualmente se considera e experimenta nos ambientes de vivência artística. A metodologia Triangular, hoje redenominada pela própria autora de Abordagem Triangular, parte para uma nova forma de construir significado ao trabalho na área, integrando o fazer artístico, a análise de obras e a história da arte, encontrando aqui uma conformidade com os aspectos de contextualização, experiência, reflexão, ação e avaliação presentes nas ações pedagógicas inicianas.

Percebendo a relevância dessa abordagem para o desenvolvimento da arte na educação, mesmo tendo sido ela por vezes interpretada simploriamente, como descreve Barbosa (2010, p. 23), “[...] o Modernismo Expressionista foi reduzido ao mero deixar fazer, a Abordagem Triangular foi reduzida à releitura e a Cultura Visual foi reduzida a desenhos para colorir de figuras de Disney ou à mera celebração da publicidade”

No contexto atual constata-se que a Abordagem Triangular e a Cultura Visual, que se referem às práticas pedagógicas que se voltam para o referencial imagético midiático e artefatos da cultura social, ao dialogarem entre si epistemológica e ideologicamente, fornecem ao aluno oportunidade de um olhar crítico sobre sua realidade, como esta o afeta e o auxilia no processo de subjetivação.

[...] sonegar Arte na escola é tão danoso quanto esquecer as outras manifestações da Cultura Visual que exercem mais diretamente influência no comportamento social por visarem exatamente dominar comportamentos e desejos. A desconstrução crítica do poder interessa à Arte e à Cultura Visual. (BARBOSA, 2010, p. 21).

Essas considerações permitem relacionar as diretrizes e bases vigentes com as fundamentações propostas pela Pedagogia Inaciana, as abordagens metodológicas no ensino da Arte e da Cultura Visual, ao se conectarem com o contextualizar, experimentar fruir, refletir, estésiar, agir e avaliar, há também, por parte dessas, atenção na importância de se trabalhar o aluno em todas as suas dimensões cognitivas e socioemocionais, para que o mesmo interaja com mundo de forma crítica, atuante, realista, essencialmente e verdadeiramente justa e humanitária.

4 A TESSITURA QUE SENSIBILIZA O OLHAR PARA ARTICULAR ARTE E O PARADIGMA DA PEDAGOGIA INACIANA.

Ao iniciar a construção dessa reflexão, propõe-se desvendar universos de constelações criativas, para descobrir navegantes em um espaço de diversidades de experiências inovadoras. Para tanto, seguiremos as galáxias em diferentes direções, desvelando as imagens que brilham no cosmo da contemporaneidade.

Nessa nave, ultrapassando as fronteiras culturais, em velocidade capaz de modificar constantemente o cenário social, as imagens são ubíquas e formatadoras de signos, símbolos e informações, refletindo as experiências das gerações contemporâneas. Essas vivências reveladoras da complexidade social sustentam a necessidade urgente de utilizar as abordagens em estudos culturais.

4.1 Os Estudos Culturais.

Os estudos culturais, surgidos na Inglaterra, nos anos 60, objetivam investigar os temas ligados às culturas populares. A descoberta de sentidos para valorização dessas culturas, dos meios de comunicações, das questões midiáticas, das culturas de massa e das relações de identidade, aprofundam os diálogos com significados políticos, questões de poder e dominância cultural seletiva. Para Stuart Hall:

A identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade. O sujeito tem ainda um núcleo ou essência interior, que é o ‘eu real’, mas esse é formado e modificado em um diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL. 2005, p.12).

A partir dos anos 80, novos tempos e novas oportunidades, com o advento da globalização e a evocação capitalista, marcam a necessidade de analisar a construção das identidades sociais e a reformulação dos valores dessas sociedades desestruturadas, deslocadas e extenuadas. De acordo com Hall (2005, p.75), quanto mais as relações sociais se ligam “[...] pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”.

Hoje, os estudos culturais avançaram nas trincheiras internacionais da contemporaneidade, pois, exibem as problemáticas que giram, se estendem e se multiplicam em torno dos artefatos e da produção cultural. Portanto, para se compreender essas

apropriações complexas, os padrões de comportamento e a constelação de ideias que bombardeiam as fronteiras sociais, se faz necessária a união de abordagens que agregam diversos temas. Desta maneira, ao se pensar as transformações históricas, pressupõe-se recorrer a metodologias inter e transdisciplinar. Visto que a construção do conhecimento se define pelas "características da cultura em que o aluno vive." ROSSI (2009, p.12).

É característica dos estudos culturais na educação, encontrar subsídios para suas problemáticas, abordagens e reflexões, se apropriando de conceitos nas áreas, de filosofia, teoria da arte, crítica literária, musicologia, tecnologia, entre outras. Sob o olhar de Giroux (1995, p.98), “[...] o estudo da produção, da recepção e do uso situado de variados textos, e da forma como eles estruturam as relações sociais, os valores e as noções de comunidade, o futuro e as diversas definições do eu.” Esses conceitos, enfatizam o aspecto convergente no campo das humanidades e suas culturas, considerando a moção educativa no sentido de aproximação crítica e atuante.

4.2 A Cultura Visual.

A escola revela-se como espaço formativo, que conjuga vivências, com as realidades cotidianas, ela tenciona ser desafiadora e estimuladora de práticas e experiências multiculturais em contraste com a homogeneidade formatadora de conceitos e atitudes. Nesse ambiente híbrido, questionar, refletir, criticar, criar, olhar, expressa saberes para as tessituras identitárias, Esses saberes justificados em Hernández (2007, p. 35), como: “Saberes que nos ajudem a dar sentido ao emergente e ao mutável, a compreendermos a nós mesmos e ao mundo em que se vive, tanto por parte do professorado como dos alunos.”

O ensino da arte na escola precisa conceber diretrizes significativas que provoquem transformação, a partir da alfabetização do olhar. A percepção desse “olhar o mundo”, angulando o conteúdo visual, gráfico e cultural, pensando as imagens e configurando as interpretações imagéticas, cria ferramentas para produção das subjetividades, a partir das visualidades que, segundo analisa Anamelia Bueno Buoro:

A questão da visualidade mostra-se pertinente como eixo central em projeto educacional que busca construção de conhecimento em Artes Plásticas, pois conduz as experiências de aquisição de um repertório imagético. (BUORO, 2003, p.137).

Sendo assim, pensar uma proposta de trabalho para alfabetização do olhar, significa atentar para as experiências culturais do aluno, suas formas de comunicação, expressão e

sensibilização. Explorar ferramentas para a compreensão desse horizonte de vivências, elaborando perguntas e formulando respostas, que resultem em um discernimento acurado. Referido em Jesus S.C. (1993 p. 103), “O discernimento exige que se recolham os dados e se reflita, distinguindo os motivos que nos movem, ponderando os valores e prioridades, analisando as consequências, de nossas decisões [...]” Então, esta coleta de questões aponta para discursos de valor, ética, moral, social, espiritual, político, etc.

Dessa forma, devem ser consideradas como foco da aprendizagem as questões influenciadoras e conflitantes emergentes nos jovens contemporâneos, como afirma Hernández (2007, p.83), “[...] nos interessa investigar temas e problemas que ajam como formadores de atitudes, crenças e valores – discursos – influenciando estudantes e diferentes grupos sociais.” Esse ponto central, na aprendizagem em arte, é de extrema importância para que os alunos adquiram senso crítico, ao analisarem e discernirem, sobre o caráter dessas imagens que os sobressaltam.

Então, a cultura visual, instaurada nos anos 90, é assimilada como objeto de reflexão crítica, ao repensar as problemáticas políticas, sócios culturais no campo dos estudos culturais. Caracteriza-se por ser um campo de investigação nos estudos múltiplos, com foco no visual artístico e cotidiano. Portanto, age em concepções metodológicas multidisciplinares, promovendo uma viagem entre os saberes múltiplos, na História da Arte, Linguística, Antropologia Visual, Ciências Sociais e vertentes culturais que formam e geram conhecimento por meio de visualidades.

A cultura visual tem uma chave sobre a produção, recepção, intenção, organização que pressupõe considerarmos as visualidades em contextos de significado, ou seja, estudar o visual como reflexão cultural partindo do que seja real para a construção de repertórios e imaginários visuais para a produção de sentido do sujeito contemporâneo. (LAMPERT, In: BARBOSA; CUNHA, (org.), 2010, p.445).

A Abordagem Triangular e a Cultura Visual comungam intencionalidades epistemológicas, teóricas e as práticas pedagógicas culturais de leitura das imagens no mundo. Compreendem, amplamente, as transformações que abarcam a sociedade contemporânea. Diz Barbosa (2010, p.21), “Defendo a Cultura Visual e a Arte na escola, ambas contextualizadas socialmente, Historicamente e vivencialmente.” É precípua, nessas aproximações, considerar a realidade pessoal, social e cultural dos sujeitos inclusos nesse contexto. Suas escolhas e

preferências, devem ser consideradas, ao se pensar a compreensão crítica e performativa da cultura visual. Hernández diz:

[...] é procurar não destruir o prazer que os estudantes manifestam, mas “explorá-lo para encontrar novas e diferentes formas de desfrute”, oferecendo aos alunos possibilidades para outras leituras e produções de “textos”, de imagens e de artefatos. (HERNÁNDEZ, 2007, p.71).

4.3 A Leitura de Imagens, e a Criação Imagética.

Essa sistematização entre a Educação, as Pedagogias Culturais, a Abordagem Triangular, e a Cultura visual sinaliza para interações entre a escola, o cotidiano e a vida, que visem a responder as problemáticas geradas pelo caleidoscópico de imagens que se apoderam do nosso cotidiano. Tecendo vivências estéticas sensíveis, que propõem pensar significativamente, a visualidade, o transculturalismo e o mundo contemporâneo em seu devir.

A ação educativa deve ser provocada pelo professor para presentificar no aluno, diversidade de expressões, estimulando e mediando seu desbravar de novos horizontes do conhecimento cognitivo pelas imagens. Baseado em uma perspectiva crítica e estética, o aluno explora a qualidade polissêmica dessas imagens no contexto cultural, espacial e temporal.

Nessa perspectiva, a percepção, por parte do professor catalisador, de que o aluno está inserido em contextos plurais além das paredes da escola, vivenciando práticas em tendências digitais/virtuais, como verdade/realidade e absorvendo as influências da cultura de massa com seus atuantes recursos midiáticos, no seu cotidiano, é provocativa. Esse professor, que não é estanque, sugere Hernández, (2007, p.60), cria movimentos “questionadores e organizadores de experiências” com a leitura de imagens, estimulando o aluno a interagir com novas narrativas estéticas culturais, ampliando seu repertório imagético no currículo que se deseja inovador.

Desta maneira, o professor deambula por essa órbita, desbrava novos olhares, desenvolvendo diálogos com os alunos, despertando neles relações significativas com os artefatos culturais. O mesmo articula as experiências, nas quais esses alunos vislumbram os conceitos, valores e ordens socialmente construídos. Esses artefatos (Filmes, publicidade, revistas, espaços virtuais, etc.), se tornam abundantes experiências vividas e investigadas nos

territórios das práticas visuais. Desse modo, os alunos se apropriam dos procedimentos e habilidades do pensamento, ao assimilar suas percepções imagéticas, construindo seus discursos visuais, reproduzindo formas de olhar e representar as visualidades, considerada por Anamelia Bueno Buoro como:

[...] a capacidade de ativação e elaboração de imagens mentais oriundas de estímulos visuais do mundo externo. Nesse sentido, a visibilidade é estimuladora da construção de uma competência para a visualidade. (BUORO, 2002, p. 52).

Na prática, o professor participa contribuindo com o despertar para imagens, alimentando a criação imagética e a memória ao considerar o aluno protagonista de suas interações e atuações conscientes no mundo. Oportuniza, ao mesmo, condições de aprendizagens significativas que contribuam com o seu universo de experiências. Dessa forma, a ação em sala de aula será instigante, inspiradora e relevante, despertando no aluno sua autonomia, estimulando suas habilidades e talentos ao desenvolver suas competências sócioemocionais.

4.4 As Competências Socioemocionais.

Considerando a colcha de diálogo costurada até aqui, unindo pedaços interagentes dos aspectos da cultura, da arte, das imagens e das criações imagéticas, ressalta-se a intencionalidade propositiva de habilitar socioemocionalmente o aluno, formando o manto integral para aquecer a inovação na Educação Jesuítica idealizada.

O papel da escola é imprescindível no desenvolvimento das competências socioemocionais que, por sua vez, é inseparável do contexto cultural. A mesma se coaduna com o aluno, para a melhoria da afetividade, do seu bem estar e preparação para uma vida produtiva e feliz. Ao aluno cabe reconhecer e controlar as emoções para criar e intensificar os relacionamentos interpessoais equilibrados e saudáveis, redesenhar o eu, a forma de pensar e a subjetividade.

O que se pretende nos processos educativos em arte, conjugados com as culturas visuais, as imagens, as criações imagéticas e o desenvolvimento das habilidades socioemocionais nas escolas da Rede Jesuíta de Educação, no que tange a formação integral do aluno, é promover sua atitude autônoma, colaborativa, motivadora, perseverante, resiliente, criativa, inovadora.

4.5 A Prática do Professor de Arte na Rede Jesuíta de Educação Contemporânea.

A arte como construção do conhecimento, requer do professor saberes e competências em que, “movidos por ações de querer, poder, dever e fazer” (Buoro, 2002, p.25), intencionem investir em sua formação pessoal. Portanto, tanto professores, quanto alunos necessitam experienciar e deixar-se comover pela arte, ao despertar seus meios de olhar e ver para sentir.

Dessa forma, o professor contemporâneo, ao repensar suas estratégias para a educação do olhar, a leitura visual, a sensibilidade estética, precisa dedicar-se a compreender e contextualizar imagens que circulam no cotidiano do aluno, tecendo outros meios de cruzar experiências de visualidades.

O professor de arte na Rede Jesuíta conhece o aluno. Dialoga com proximidade, compreende e analisa suas expectativas, valoriza suas experiências, para que o mesmo seja protagonista eficiente e consciente de sua aprendizagem. Nesse sentido, o professor quebra paradigmas em suas práticas para atualizar e inovar suas estratégias pedagógicas.

As reformulações nas propostas educacionais das instituições Jesuítas visa a valorização do pensamento criativo, da criatividade como veículo que conduza o aluno para um caminho mais ativo/produtivo. O professor enxerga esse aluno com suas particularidades, como sujeito individualizado, com vivências significativas. Portanto, o professor deve “expressar ou promover um ensino personalizado e ativo” (Jesus S.C. 1993, p.58), estimulando e incentivando a percepção da flexibilidade, as habilidades e talentos do aluno, visando tornar realidade, as suas ideias. Encantar com imagens que promovam sentidos e experiências que revelem significados, para além dos espaços da escola. Esse aluno, então, transporta as ferramentas necessárias para interagir de forma responsável com a transformação de sua realidade.

O mediador cria a urdidura que tece as competências, e recebe do aluno sua mochila existencial, mencionadas por Teixeira Neto (2014, p 155), carregada de conteúdos vivenciados e experimentados na prática formal ou informal de enganos e aprendizagens cotidianas. São bagagens sem fechos ou dimensões, mais são recheadas de hipóteses criativas, significados imágéticos, saberes múltiplos, sentidos férteis e consciência emocional.

Portanto, a propositiva apresentada neste material ambiciona lastrear a busca por paradigmas que sustentem as práticas dos sujeitos envolvidos nas ações educativas. Colégios,

professores e alunos em uma tessitura que alargue os horizontes da formação integral e abra a perspectiva da inovação ao mobilizar atitudes valorativas, escolhas responsáveis, soluções criativas, reflexões críticas e participativas. Destarte, intencionar uma sociedade mais justa, um mundo mais humanitário, uma humanidade mais consciente, complacente, comprometida e compassiva.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa iniciou-se a partir da constatação de que estamos na era da visualidade e as imagens transpõem e invadem nosso cotidiano, remodelando as bases do conhecimento humano. Por isso, as escolas, repensando seus currículos, devem analisar, refletir, se comprometer e se dispor a debater diferentes estratégias, na busca por um caminho inovador, para que o aluno seja autônomo e protagonista em seu desenvolvimento cognitivo e socioemocional. Para tanto, a disciplina arte, é o espaço facilitador do uso de imagem, da cultura visual, da alfabetização visual, da criação imagética, ao interagir com os Paradigmas da Pedagogia Inaciana para a formação plena da pessoa humana. Nessa interação, a arte, articula as experiências significativas do aluno, ao relacioná-lo com o meio ambiente e consigo mesmo, já que as imagens estão repletas de informações e conhecimentos.

“[...] é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a capacidade criadora de maneira a mudar a realidade que foi analisada.” (BARBOSA, 2010, p.100).

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo estimular a prática dos conceitos; contextualização, experiência, reflexão, ação e avaliação, presentes nos Paradigmas da Pedagogia Inaciana, interagindo com as concepções teóricas e práticas na disciplina arte. Para isso, favorecer e oportunizar ao aluno a produção e criação imagética em imagens, em obras de arte e nos artefatos da cultura visual, auxilia o seu desenvolvimento cognitivo, e socioemocional para sua formação integral nos Colégios da Rede Jesuíta de Educação contemporânea.

Então, conseguiu-se articular os conceitos para determinar o sentido da imagem na realidade do aluno contemporâneo. Demonstrar vínculos entre as aproximações das dimensões da Pedagogia Inaciana com concepções históricas e sistemas epistemológicos em leitura da arte e da cultura visual. Integrar a tradição e inovação, ao se utilizar as dimensões: contextualização, experiência, reflexão, ação e avaliação na sala de aula, na disciplina arte, como estratégias

práticas da alfabetização visual. Então, oportunizar aos alunos, aprendizagens ao estimular a leitura de imagens para construção do repertório imagético. Dessa forma, resgatar vivências cotidianas relacionando às competências socioemocional e cognitivas ao estimular a construção de saberes.

O estudo partiu da hipótese de que as transformações na sociedade contemporânea acarretaram modificações profundas nos comportamentos, valores e pensamentos humanos. A percepção de que as imagens têm influenciado as alternâncias nas atitudes e posturas dos alunos atuais, demonstram a necessidade de inovação e atualização das estratégias de ensino. Durante a pesquisa foi constatado que a disciplina arte, é o espaço fértil que conjuga vivências, experiências e saberes com a Pedagogia Inaciana, aplicar a leitura das imagens do mundo, ou seja, o olhar formador do senso crítico para o conhecimento de si, dos outros, de Deus e desse mundo que habita.

Portanto, a questão levantada sobre a forma como as ações educativas do olhar, na área de arte, podem contribuir e inovar em suas práticas metodológicas e diretrizes curriculares nos colégios da Rede Jesuíta, é confirmada. Constata-se, que as dimensões da Pedagogia Inaciana se harmonizam com as abordagens práticas de contextualização, produção e a leitura da obra de arte e da cultura visual. Assim, a arte está presente nos caminhos traçados na experiência dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio, que são referência para a Pedagogia Inaciana, bem como, os Exercícios Espirituais fornecem e inspiram a criação e expressão de sentidos significantes, a partir da criação e produção imagética, despertando a motivação, a satisfação e a responsabilidade no aluno.

Dificuldades foram encontradas, durante a pesquisa, no tocante a limitações de estudos e relatos sobre a prática das dimensões pedagógicas inacianas, como provocadoras de ações inovadoras nas abordagens visuais em sala de aula nas instituições Jesuítas de Educação. Portanto, a coleta e obtenção de resultados práticos em outros estudiosos e observadores na área foram restritos. Dessa maneira, neste trabalho, pretendo contribuir com material reflexivo para posteriores abordagens sobre os temas aqui articulados.

Almeja-se, unir os fios dos conceitos aqui refletidos, em uma trama que possibilite o contínuo e ampliado estudo teórico e prático, dos discursos visuais, para enriquecer a construção dos saberes nos alunos da Rede Jesuíta de Educação. Recomenda-se, despertar novos olhares, para que concepções e ações concretas aconteçam em todas as dimensões que envolvem a formação integral do sujeito. E mais, fazer colorir na consciência de cada professor mediador,

a disposição em investigar e investir em reformulações e práticas pessoais. Pois, o aprender é um processo constante, que mobiliza as transformações internas e externas de si e dos alunos.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (Org.). **Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais**. 1. ed. São Paulo: Cortez. 2010.
- _____. (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 1. ed. São Paulo: Cortez. 2002.
- _____. **Tópicos Utópicos**. 1. ed. Belo Horizonte: C Arte. 1998.
- BELTRÃO, Luiz. **Um Caminho Pela Arte: Exercícios espirituais na vida cotidiana**. 1. ed. São Paulo: Ed. Loyola. 2017.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular**. 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 7 jan. 2019.
- BUORO, Anamelia Bueno. **O Olhar em construção: Uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. **Olhos que Pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte**. 1. ed. São Paulo: Educ/Fapesp/Cortez, 2002.
- EDUCAÇÃO, R. J. **PEC: Projeto Educativo Comum**. 1. ed. Rio de Janeiro: Edições Loyola. 2016.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do Ensino de Arte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- GAMA, Dirceu Ribeiro Nogueira da. **Walter Benjamin, Leitor de Santo Inácio de Loyola e Marcel Proust: Tecendo Analogias**. 2010. A Parte Rei Revista de Filosofia Eletrônica. Disponível em: <<http://serbal.pntic.mec.es/~cmunoz11/nogueira68.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2019.
- GIROUX, Henry A. **Praticando Estudos Culturais nas Faculdades de Educação**. In: SILVA, Tomaz T. da (Org.). **Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 11. ed. Rio de Janeiro: Vozes. 2013.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.
- HERNÁNDEZ, F. **Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Mediação. 2007. v.7.
- JESUS, S.C. de. **Pedagogia Inaciana**. Uma proposta prática. Coleção Documenta S.J. 7. ed. São Paulo: Ed. Loyola. 1993.
- _____. **Características da Educação da Companhia de Jesus**. Coleção Documenta S.J. 4. ed. São Paulo: Ed. Loyola. 1989.
- KLEIN, P. Luiz Fernando. **A Pedagogia Inaciana e a sua força impulsionadora: os Exercícios Espirituais**. Itaici-revista de Espiritualidade Inaciana., Rio de Janeiro, n. 95, p.69-82, mar. 2014. Disponível em: <www.colegiopedroarrupe.pt/folder/galeria/ficheiro/10_PI_EE_LFKlein_1nq3sekg9f.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2019.

_____. **Exercícios Espirituais**: Escola de Formação para Pedagogia Inaciana: UNISINOS, II Encontro de Teologia da AUSJAL. São Leopoldo. 1999. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/16371509-Exercicios-espirituais-escola-de-formacao-para-a-pedagogia-inaciana>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

MARTINS, M. C., PICOSQUE, G., & GUERRA, M. T. **A língua do Mundo**: Poetizar, Fruir e conhecer arte. 1. ed. São Paulo: FTD. 1998.

MIRZOEFF, N. **Una introducción a la cultura visual**. 2. ed. Barcelona: Paidós. 2003.

RAMAL, Andrea C.(Org.); SUTTER, Martha; MAGALHÃES, Sônia M. **Educar para Transformar**: Paradigma Pedagógico Inaciano. 1. ed. São Paulo: Ed. Loyola. 2002.

ROSSI, M. H. **Imagens Que Falam**: leitura da arte na escola. 4. ed. rev. e atual. Porto Alegre: Ed. Mediação. 2009. v.2.

SILVA, Roberto Rafael Dias da. **Moralidade e Educação na Modernidade Líquida**. Reflexão e Ação, [s.l.], v. 24, n. 1, p.456-459, 28 abr. 2016. APESC - Associação Pro-Ensino em Santa Cruz do Sul. <http://dx.doi.org/10.17058/rea.v24i1.5995>. Disponível em<https://www.researchgate.net/publication/301778450_Moralidade_e_educacao_na_modernidade_liquida>. Acesso em: 08 jan. 2019.

TEIXEIRA NETO, Jose. **Mochilas Existenciais e Insurgências Curriculares**: Etnocurrículos Instituinto Interações em Cenários das Pedagogias Culturais do Tempo Presente. 2014. 199 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2014. Disponível em: <repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/18189/1/tese_JTN_PDF%20Final_para%20publ.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2019.

TIBURI, Márcia. **Aprender a pensar é descobrir o olhar**. 2012. Artigo originalmente publicado pelo Jornal do Margs, Porto Alegre, n. 103, set./out. 2004.. Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69332>>. Acesso em: 8 jan. 2019. Não Paginado.

ZYGMUNT, B. **Modernidade Líquida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar. 2001

